

**A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista**

Physical education and social learning: a Bracht dialogue with Marxist philosophy

Vinícius de Moraes Campos de Azevedo  
Marcelo Paula de Melo  
Bruno Gawryszewski  
**Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ**  
Rio de Janeiro-Brasil

**Resumo**

Em 1992, Valter Bracht lançava Educação física e aprendizagem social, seu primeiro livro. Nele, havia referência a obra de diversos autores renomados, inclusive ao alemão Karl Marx. O objetivo deste trabalho foi realizar uma análise epistemológica do livro, averiguando se seu referencial teórico poderia ser considerado marxista. Para tal, realizamos uma revisão criteriosa acerca do método marxista e suas principais categorias. Como referencial teórico, temos o próprio Karl Marx e seu método adotado para a elaboração de suas obras e descrito na Introdução a Crítica da Economia Política, de 1857. Então, analisamos os conceitos e categorias utilizados por Bracht e qual o seu grau de aproximação ou afastamento com a teoria marxiana e marxista. Concluímos que o autor se aproxima muito mais das obras de Jürgen Habermas do que propriamente de Karl Marx.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Marxismo; Bracht

**Abstract**

In 1992, Valter Bracht released Physical Education and Social Learning, his first book. In it, there was reference to the work of several renowned authors, including the German Karl Marx. The objective of this work was to carry out an epistemological analysis of the book, investigating whether its theoretical framework could be considered Marxist. To this end, we carry out a careful review of the Marxist method and its main categories. As a theoretical reference, we have Karl Marx himself and his method adopted for the elaboration of his works and described in the Introduction to the Critique of Political Economy, from 1857. Then, we analyze the concepts and categories used by Bracht and what is their degree of approximation or distance with Marxian and Marxist theory. We conclude that the author is much closer to the works of Jürgen Habermas than himself to Karl Marx.

**Key-words:** Epistemology; Marxism; Bracht

## **Introdução**

Publicado em 1992 com reedição em 1997, ambas pela extinta Editora Magister (Porto Alegre), o livro *Educação Física e Aprendizagem Social*, de Valter Bracht<sup>i</sup> traz importantes reflexões sobre a busca da legitimidade da educação física enquanto disciplina escolar sobre sua autonomia pedagógica frente a conteúdos de outras áreas. Apesar de carregar em seu título a aprendizagem social, nas palavras do próprio Bracht (1997, p.12), mais do que versar sobre esta aprendizagem, este livro dialoga com uma corrente que “começa a refletir o papel social da Educação Física, contextualizando-a no sistema educacional, e este, na sociedade capitalista brasileira, operando estas análises com um referencial teórico de orientação marxista”. O autor também busca definir pontos de partida como a sugestão de uma definição de educação física como “prática pedagógica que tem tematizado elementos da esfera da cultura corporal/movimento” (BRACHT, 1997, p. 35).

O livro é composto por quatro capítulos, três publicados anteriormente em forma de artigo, ensaio e apresentação em simpósio, somados a um ainda inédito à época, sendo que alguns deles foram publicados ainda na segunda metade dos anos 1980. Ao longo da obra, o autor cita, dentre outros, o filósofo Karl Marx para fundamentar suas posições. No entanto, isso não o faz necessariamente um marxista. Tratando-se de um livro de importância já há muito confirmada no campo da Educação Física<sup>ii</sup>, cabe à realização de análise mais minuciosa, buscando-se elucidar quais conceitos e análises do autor realmente dialogam com um possível marxismo, já que com o passar dos anos ele se apresentou como um forte crítico desta corrente. Para tal, revisitamos principais conceitos e categorias utilizados nesta obra por Bracht, buscando averiguar a proximidade ou distanciamento do autor do campo marxista. Trabalhamos com a hipótese, após leitura preliminar do texto, de que o autor tenta se apropriar do marxismo em alguns momentos, mas de maneira contestável e contraditória, apresentando mais justificativas para sua guinada pós-moderna ao decorrer dos anos 1990 do que para qualquer acusação de que tenha sido marxista no início de sua carreira.

Como método de análise, identificamos nas obras de Karl Marx, sobretudo na *Introdução a crítica da economia política de 1857*, o método utilizado e descrito pelo autor, assim como suas principais categorias. Após, analisamos novamente a obra de Bracht para

avaliar se e como ocorreu o uso deste método e categorias. Na exposição dos resultados Optamos pelos pontos nodais do texto, sendo estes os mais bem desenvolvidos pelo autor e mais aptos à discussão aprofundada. Dividimos a exposição em três tópicos: a teoria dos sistemas, aproximação a Habermas e a ideologia na escola. Iniciamos nossa exposição com a definição do método marxista.

### **O marxismo e a teoria marxiana**

Por mais que o senso comum possa levar a concluir o contrário, o marxismo não é a filosofia erigida por Karl Marx, mas aquela criada por outros autores a partir de sua obra. Como nos conta José Paulo Netto (1985), o marxismo não é uma teoria ou corrente una e coesa: cada autor tem a sua interpretação da obra marxiana, com acréscimos variados e condicionados pelas injunções culturais, políticas, históricas, dentre outros fatores. A hipótese da existência de um único marxismo, puro em sua essência, “remete mais à mitologia política e ideológica do que à crítica racional” (NETTO, 1985, p. 9).

O critério aqui adotado para determinar se a obra de Bracht se aproxima ou não do marxismo será o uso (ou não) da obra marxiana como referencial teórico, levando em conta o método da teoria social marxiana. Em síntese, na obra marxiana, “o método é uma relação necessária pela qual o sujeito que investiga pode reproduzir intelectualmente o processo do objeto investigado” (NETTO, 1985, p. 31). Com o método, Marx construiu a sua teoria sobre a sociedade burguesa, “um complexo sistemático de hipóteses verificáveis, extraídas da análise histórica concreta, sobre a gênese, a constituição, e o desenvolvimento da organização social que se estrutura quando modo capitalista de produção se torna dominante” (NETTO, 1985, p. 21).

Segundo a análise de Netto (2011), na obra de Marx uma teoria não é uma simples descrição clara, objetiva e desinteressada de um objeto, tampouco a construção de enunciados discursivos ou embates inócuos de jogos de linguagem. Desse modo, na obra marxiana,

o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto - de sua estrutura e dinâmica - tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa (NETTO, 2011, p. 20-21).

### *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

Assim, “a teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador - é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (do pensamento)” (NETTO, 2011, p. 21). O objeto de pesquisa tem existência objetiva, independente do pesquisador, de modo que

o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto. Alcançando a essência do objeto, isto é: capturando a sua estrutura e dinâmica, por meio de procedimentos analíticos e operando a sua síntese, o pesquisador a reproduz no plano do pensamento; mediante a pesquisa, viabilizada pelo método, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou (NETTO, 2011, p. 22).

No entanto, por ser o seu objeto de estudo a sociedade burguesa, o pesquisador está subjetivamente envolvido com o objeto de pesquisa, já que esta sociedade é produto da ação recíproca dos homens; no entanto, isso não impossibilita a objetividade do conhecimento assim produzido. Ao contrário de analisar o objeto passiva e externamente, o pesquisador deve ser um sujeito ativo, capaz de ir além da aparência do objeto e apreender os processos constituintes de sua essência. Cabe a ele desnudar o mundo dos fenômenos em busca da essência que neles se manifesta. Pode-se opor então a pseudoconcreticidade e a concreticidade: na primeira, toma-se o fenômeno como a coisa em si, completo de sentido; na segunda, não apenas os fenômenos são entendidos como a manifestação da essência, mas também se entende a maneira pela qual a essência se manifesta nesses fenômenos, de modo que, “compreender o fenômeno é compreender a essência” (KOSIK, 1976, p. 16). A principal ferramenta utilizada nesse processo pelo método marxista é a dialética: por ela, busca-se não apenas conhecer a coisa em si, mas também se indaga como fazê-lo propriamente.

Por este meio, compreende-se a realidade mesma, já que “a realidade é unidade entre fenômeno e essência” (KOSIK, 1976, p. 16). Esta realidade é o mundo da práxis humana, um processo em curso onde a verdade devém. Destruir a pseudoconcreticidade significa compreender que a verdade se realiza em na práxis humana; é captar o processo de construção da realidade concreta e sua historicidade. O objeto do estudo é captado no horizonte do todo, da totalidade concreta. Sobre isso, Kosik (1976, p. 41) aponta que “do ponto de vista da totalidade, compreende-se a dialética da lei e da casualidade dos fenômenos, da essência interna e dos aspectos fenomênicos da realidade”.

O objeto de Marx, como destaca Netto (2011), é a sociedade burguesa; mais especificamente, o modo de produção da sociedade burguesa e suas implicações na

totalidade social. A chave interpretativa da sociedade burguesa é o seu modo de produção da riqueza material. A produção articula-se com a troca, circulação e distribuição como elementos de uma totalidade ainda mais abrangente. Em resumo,

uma teoria social da sociedade burguesa, portanto, tem que possuir como fundamento análise teórica da produção das condições materiais da vida social. Este ponto de partida não expressa um juízo ou uma preferência pessoal do pesquisador: ele é uma exigência que de próprio objeto de pesquisa - sua estrutura e dinâmica só serão reproduzidas com veracidade no plano ideal a partir desse fundamento; o pesquisador só será fiel ao objeto se atender a tal imperativo (NETTO, 2011, p. 40).

De início, há uma totalidade concreta, a qual o pesquisador enxerga de modo confuso, desarticulado,

“uma representação caótica do todo, e através de uma determinação mais precisa, através de uma análise, chegaríamos a conceitos cada vez mais simples; do concreto idealizado passaríamos a abstrações cada vez mais tênues até atingirmos as determinações as mais simples” (MARX, 1982, p. 14).

Partido da análise do dado - representativo da realidade do concreto -, com o avanço da pesquisa chega-se a abstrações mais gerais e mais simples (Netto, 2011), desembocando na análise das diferenças fundamentais presentes em categorias históricas gerais, como o trabalho – presente nas mais diversas fases da história, mas com diferenças fundamentais em suas determinações em cada uma delas (CARDOSO, 1990). Para Marx (1982, p. 17):

as categorias mais abstratas – precisamente por causa de sua natureza abstrata-, apesar de sua validade para todas as épocas, são, contudo, na determinidade dessa abstração, igualmente produtos de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites destas.

Para Marx (1982, p. 18): “as categorias exprimem portanto formas de modos de ser, determinações de existência, frequentemente aspectos isolados dessa sociedade determinada, desse sujeito”. As categorias específicas de cada sociedade são históricas e transitórias, como o trabalho assalariado, específico da sociedade burguesa (NETTO, 2011). O concreto passa a ser entendido a partir da síntese destas muitas determinações, que seriam traços essenciais do objeto; portanto, conhecimento acerca do objeto é o conhecimento acerca de suas múltiplas determinações (NETTO, 2011). Descobertas estas diferenças, estas determinações mais simples, deve-se fazer uma viagem de volta e retornar a totalidade concreta, “mas desta vez não com uma representação caótica de um todo, porém com uma rica totalidade de determinações e relações diversas” (MARX, 1982, p.14).

### *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

Para Netto (2011), o objetivo de Marx é, precisamente, desnudar as múltiplas determinações da sociedade burguesa, que é a mais avançada e com maior desenvolvimento categorial já visto até o momento. Justamente por ser a mais avançada, é possível que a ciência volte seus olhos para épocas passadas e desnude mais francamente as suas determinações. Quando surgem, as categorias podem não apresentar todas as suas potencialidades desenvolvidas, de modo que o estudo de sua gênese não esclarece totalmente o seu presente; portanto, o “estudo das categorias deve conjugar a análise diacrônica (da gênese e desenvolvimento) com a análise sincrônica (sua estrutura e função na organização atual)” (NETTO, 2011, p. 49).

Isto exposto, buscamos averiguar o quanto Bracht, no livro *Educação física e Aprendizagem Social* (1997), se apropria das categorias e do método marxianos, aqui muito brevemente apresentados, e se essa apropriação torna-o merecedor da alcunha de marxista. Visto ser o nosso objetivo averiguar o grau de aproximação do autor com a filosofia marxista, não nos debruçaremos longamente sobre a obra de outros autores citados por Bracht; apenas avaliaremos se os citados em questão são ou não próximos ao marxismo e a filosofia de Marx.

O livro é composto por quatro capítulos, divididos em duas partes. No primeiro capítulo, o autor trata da busca pela autonomia pedagógica da educação física. No segundo, uma espécie de extensão do primeiro, Bracht trata da legitimação da educação física, ambos buscando a junção entre teoria da educação física e teoria da educação. No terceiro capítulo, o autor se propõe a analisar a contribuição da educação física no processo de socialização de crianças e adolescentes. No quarto, a discussão sobre essa contribuição continua, com a proposição e análise de um método que colocaria a educação física a favor da transformação social. Partiremos agora para a análise dos pontos nodais do texto.

#### **A teoria dos sistemas e o materialismo histórico**

Ao estabelecer, no primeiro capítulo, o seu referencial teórico de análise, Bracht opta pela teoria dos sistemas, na qual:

os sistemas sociais, em função de sua especialização funcional, desenvolvem uma lógica própria que se objetiva na forma de valores, normas, códigos e semânticas. Um exemplo típico é o apresentado por K. Marx em relação à lógica própria desenvolvida pelo sistema econômico do capitalismo (BRACHT, 1997 p. 18).

Por mais que a classificação da obra de Marx como um exemplo da chamada Teoria dos sistemas não seja uma invenção de Bracht, o próprio filósofo alemão e aqueles que o

tem como referencial teórico não a reivindicam para si. Esta é uma classificação externa sobre a obra de Marx, que a nivela junto a outras teorias qualitativamente distintas. Logo a seguir o autor propõe a complementação da teoria os sistemas com categorias do materialismo histórico, para que seja possível buscar a gênese dos sistemas através de uma análise histórica, introduzindo a questão do poder da relação Inter sistemas através da análise da categoria antropológica do trabalho.

Após propor a complementação, Bracht (1997, p. 19) segue elucidando o que entende pela análise de sistemas, sugerindo que:

um dos critérios que identificam a diferenciação de um sistema diz respeito à diferenciação dos papéis. Isso é, em que medida os diferentes papéis que precisam ser cumpridos no interior de um sistema, não se confundem com outros de outros sistemas. Os papéis podem ser analisados a partir de diferentes características como: suas funções, qualificação necessária, o processo de socialização para o desempenho do papel, habilidades técnicas que envolvem o papel, etc.

No entanto, não se observa nesta passagem nenhuma aproximação com universo categorial do marxismo. Debates acerca das lutas de classes com interesses antagônicos e inconciliáveis, Estado como elemento determinante dessa luta e a existência de interesses concretos de classe não aparecem na exposição de Bracht acerca do que chama de diferenciação de um sistema. Sua exposição adquire um caráter tanto mais teórico quando abstraído dos múltiplos determinantes da realidade. Como exemplo, no decorrer do texto, o autor analisa a relação do esporte com as instituições militar e esportiva, ainda de maneira distante do marxismo. Ao falar sobre a relação da escola com o militarismo, ele expõe que

o importante a ressaltar é que a instituição escola, neste caso, é mais ou menos palco de uma ação “pedagógica” que se legitimava a partir de sua presumível contribuição para a saúde, ou seja, com função higiênica (inicialmente com um conceito anatômico e posteriormente anátomo-fisiológico), e formação do caráter, e o seu conteúdo baseado fundamentalmente na exercitação corporal através de exercícios analíticos, corridas, saltos, etc. . Isto é, assume, através do conteúdo e da forma como ele é apresentado, através das características dos papéis desempenhados pelos instrutores e pelos alunos, os códigos/símbolos/linguagem/sentido da instituição militar (BRACHT, 1997, p. 20).

Embora esta análise não esteja incorreta aos olhos do marxismo, faltam componentes para que seja, de fato, marxista. Entre eles está a análise de como se dava a luta de classes à época e da ação do estado. Isto não é explorado ou desenvolvido por Bracht, que prefere focar na relação professor-aluno, na qual o primeiro agiria como um instrutor militar sobre o segundo. Para o autor, esta relação com a instituição militar

### *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

impediu a educação física de construir um corpo teórico próprio, sendo legitimada “por fora”, através do exercício militarizado. De modo que para o autor parecia não ser importante a análise da existência de disputas entre projetos societários ou mesmo entre frações das classes dominantes. A disputa apresentada por Bracht era entre a escola e instituição militar, ambas portadoras de projetos políticos próprios, gestados em seu interior como expressão de seu papel social. Suas análises pautam-se mais pelos códigos, linguagens e sentidos destituídos de história e não nela situados. O desaparecimento de qualquer conotação de luta de classes e sua historicidade já denota mais afastamento que proximidade ao marxismo, com maior foco em relações subjetivas de indivíduos, abstraindo da totalidade e suas determinações, tão caros ao marxismo.

#### **Aproximação a Habermas**

Ainda no capítulo 1, Bracht sugere que houve um deslocamento de importância da educação física, que não mais prepararia para a atividade industrial, voltando-se para mediação do lazer. Seria então cada vez mais tarefa da escola tratar de uma educação para o lazer, tendo em vista esta oposição entre o trabalho, visto como nobre, e o lazer, visto como supérfluo. Nas palavras do próprio Bracht (1997, p. 29):

Na visão da Educação Física como atividade, com o objetivo do desenvolvimento da aptidão física com vistas à saúde, a legitimação ocorria pela sua vinculação ao mundo do trabalho, pela sua importância para a produção (força de trabalho). Como vimos, com a afirmação do esporte também como conteúdo hegemônico na Educação Física- e as modificações estruturais a nível da sociedade que co-determinaram esta mudança - ocorre um certo deslocamento em direção ao lazer. A Educação Física passa a ser relacionada, agora, menos diretamente com o mundo da produção, mas de forma imediata através da mediação do lazer, o que, em função do maior status social do trabalho (atividade “nobre”) em relação ao lazer (atividade “supérflua”), não deixa de constituir-se numa dificuldade para tal legitimação. No entanto, o lazer e a educação para o lazer parecem, cada vez mais, serem considerados um tema e uma tarefa também da Escola.

Esta passagem remete a obra de Jürgen Habermas<sup>iii</sup>, em que ele propõe a sociedade do lazer com o fim da sociedade industrial. No capítulo 2, para analisar os modelos de legitimação da educação física, o autor inicia com paradigmas teóricos sugeridos por Habermas (1983, p. 220, apud Bracht, 1997, p. 36), para quem “somente ordenamentos políticos poderiam ter legitimidade e perde-la; somente eles têm necessidade de legitimação”. Ainda segundo Habermas (1983, p.219 apud BRACHT, 1997, p. 36), “legitimidade significa que há bons argumentos para que um ordenamento político seja reconhecido como justo e equânime; o ordenamento legítimo merece reconhecimento. Legitimidade significa que um ordenamento político é digno de ser reconhecido”. Em

seguida, remete-se a Francisco Weffort<sup>iv</sup>(1988, p. 24 apud BRACHT, 1997, p. 37), segundo quem “um regime de legitimidade política só pode ser a democracia”, para lembrar que a questão da legitimidade só pode ser levada a tona em um contexto democrático, já que este institucionalizaria o consentimento popular.

Bracht (1997, p. 37) então sugere que legitimar a educação física num contexto democrático seria “apresentar argumentos plausíveis para sua permanência ou inclusão no currículo escolar, apelando exclusivamente para a força dos argumentos, declinando do argumento da força”, complementando mais a frente que “esta legitimação precisa integrar-se e apoiar-se discursivamente numa teoria da educação” (BRACHT, 1997, p.37). Neste momento, Bracht já demonstrava ter tendências ao pós-modernismo, apresentado em primeiro plano um embate discursivo, puramente linguístico, deixando de lado o embate entre projetos societários. Suas referências ao discurso assemelham-se ao que Jean-François Lyotard, filósofo francês, expôs em sua obra *A Condição Pós-Moderna*. Ao expor suas teses sobre o fim do que chama de metarranativas – teorias que buscam explicar a realidade em sua totalidade, como o marxismo -, Lyotard busca avaliar a questão da legitimação da ciência através da teoria dos jogos de linguagem de Ludwig Wittgenstein<sup>v</sup>. Lyotard (2018, p. 74) propõe que, uma vez que as metanarrativas estariam mortas,

a própria nostalgia do relato perdido desapareceu para a maioria das pessoas. De forma alguma segue-se a isto que elas estejam destinadas à barbárie. O que as impede disso é que elas sabem que **a legitimação não pode vir de outro lugar senão de sua prática de linguagem e de sua interação comunicacional**. Face a qualquer outra crença, a ciência que ironiza (*sourit dans sa barbe*) ensinou-lhes a dura sobriedade do realismo (grifo nosso).

Segundo o que avalia o historiador e marxista inglês Perry Anderson (1999, p. 33), esta semelhança com Lyotard pode não ser casual, já que:

*A condição pós-moderna*, escrito sob encomenda oficial [do conselho das universidades junto ao governo do Quebec], atém-se essencialmente ao destino epistemológico das ciências naturais – sobre as quais, confessaria mais tarde Lyotard, seu conhecimento era mais do que limitado. O que ele via nelas era um pluralismo cognitivo baseado na noção – nova para o público gaulês, mas velha para os anglo-saxões – de jogos linguísticos diversos e não mensuráveis. A influência subsequente do livro, nesse sentido, foi em proporção inversa ao seu interesse intelectual, pois se tornou **a inspiração de um relativismo vulgar que muitas vezes, tanto aos olhos dos amigos quanto dos inimigos, passa por ser a marca do pós-modernismo** (itálicos originais do autor, negrito nosso).

Bracht apresentou indícios deste pós-modernismo ao sugerir a questão da legitimação pelo embate argumentativo. Para Ellen Wood (1999), cientista política,

### *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

historiadora e marxista estadunidense, muitos dos pós-modernos interessam-se bastante pela linguagem, chegando a sugerir que os seres humanos e suas relações são constituídos por linguagem ou que a linguagem é tudo que podemos conhecer do mundo; a linguagem seria, para alguns, a própria sociedade, já que não existiria nenhum referente da verdade fora dos discursos em que vivemos.

Mais adiante, para questionar a preponderância dos conhecimentos técnicos nas teorias de educação física, o autor sugere que a discussão valorativa acerca das direções normativas deveria ser o principal foco de uma teoria da educação física, apoiando-se sobretudo novamente em Habermas para realizar estas ponderações, citando o pesquisador alemão para inferir que:

os interesses do conhecimento técnico e prático não são condutores da cognição, que em função da aspiração de objetividade do conhecimento, precisariam ser colocados fora de ação. Eles muito mais determinam o aspecto sob o qual a realidade pode ser objetivada e assim tornada acessível a experiência (HABERMAS, 1988, p. 11 apud BRACHT, 1997, p. 40).

Mais a frente, ainda neste capítulo, Bracht (1997, p. 49) voltar a versar sobre a sociedade do lazer ao sugerir que referência básica da fundamentação da educação física “deveria deixar de ser o mundo do trabalho e passar a ser o mundo do não-trabalho, o lazer. A educação física educaria nesta perspectiva, para os momentos do não-trabalho”. Mesmo admitindo logo a seguir que a separação seria empiricamente impossível e que as habilidades, competências e atitudes aprendidas neste âmbito pedagógico seriam de certa forma transferidas ao mundo do trabalho, o autor ainda volta a sugerir que “a referência específica da educação física é o mundo do não trabalho, uma vez que seus conteúdos são os movimentos da atividade lúdica, e não da prática laboral” (BRACHT, 1997, p. 49).

O próprio deslocamento do foco do trabalho para o lazer já afasta da perspectiva marxista, já que, para Marx (2017, p. 261), o trabalho é

atividade orientada a um fim – a produção de valores de uso -, apropriação do elemento natural para a satisfação de necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre homem e natureza, perpétua condição natural da vida humana e, por conseguinte, independente de qualquer forma particular dessa vida, ou melhor, comum a todas as suas formas sociais .

Deste modo, a satisfação das necessidades e a produção material da vida humana adquirem extrema importância sendo possível afirmar que:

pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a *produzir* seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem,

indiretamente, sua própria vida material. O modo pelo qual os homens produzem seus meios de vida depende, antes de tudo, da própria constituição dos meios de vida já encontrados e que eles têm de reproduzir. Esse modo de produção não deve ser considerado meramente sob o aspecto de ser a reprodução da existência física dos indivíduos. Ele é, muito mais, uma forma determinada de sua atividade, uma forma determinada de exteriorizar sua vida, um determinado *modo de vida* desses indivíduos. Tal como os indivíduos exteriorizam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, pois, com sua produção, tanto com o *que* produzem como também com o *modo como* produzem. O que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção (MARX & ENGELS, 2007, p. 87).

A teoria do pós-trabalho é encontrada justamente em Habermas -, que vê a perda da centralidade do trabalho no que ele chama de sociedades capitalistas desenvolvidas, ou seja, principalmente os países europeus do estado de bem estar social; teoria esta que não resiste se analisada historicamente, tampouco se analisada quanto a qualidade de seus argumentos, que carecem de relação direta com a realidade. Trata-se de uma tentativa de dar validade universal a uma limitada perspectiva antimarxiana (MÉSZÁROS, 2004). É importante ainda ressaltar que Bracht faz uma citação ao volume III do capital (por meio de um *apud* de outro autor <sup>vi</sup>) através da qual seria confirmada a suposição de que o lazer não precisa ser visto como uma função do setor produtivo. O trecho citado por Bracht apresenta diversos cortes, de modo que buscamos na obra de Marx a citação original. Segue:

A riqueza efetiva da sociedade e a capacidade de ampliar constantemente seu processo de produção não dependem, desse modo, da duração do mais-trabalho, mas de sua produtividade e das condições mais ou menos abundantes de produção em que ela tem lugar. Com efeito, o reino da liberdade só começa onde cessa o trabalho determinado pela necessidade e pela adequação a finalidades externas; pela própria natureza das coisas, portanto, é que algo transcende a esfera da produção material propriamente dita. Do mesmo modo como o selvagem precisa lutar com a natureza para satisfazer suas necessidades, para conservar e reproduzir sua vida, também tem de fazê-lo o civilizado – e tem de fazê-lo em todas as formas de sociedade e sob todos os modos possíveis de produção. À medida de seu desenvolvimento, amplia-se esse reino da necessidade natural, porquanto se multiplicam as necessidades; ao mesmo tempo, aumentam as forças produtivas que as satisfazem. Aqui, a liberdade não pode ser mais do que fato de que o homem socializado, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a natureza, submetendo-o a seu controle coletivo, em vez de serem dominados por ele como por um poder cego; que o façam com o mínimo emprego de forças possível e sob as condições mais dignas e em conformidade com sua natureza humana. **Mas este continua a ser sempre um reino de necessidade. Além dele é que tem início o desenvolvimento das forças humanas, considerado como um fim em si mesmo, o verdadeiro reino da liberdade, que, no entanto, só pode florescer tendo como base aquele reino da necessidade. A redução da jornada de trabalho é condição básica** (MARX, 2017a, p. 882, grifo nosso).

O trecho final, que destacamos, acaba por ressaltar que o proposto reino da liberdade, provavelmente visto por Bracht como o lazer, apenas pode se desenvolver

*A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista* através das contradições do reino da necessidade. O lazer apenas pode ser plenamente usufruído com base no trabalho, na produção racionalizada de mercadorias. Logo, o trecho citado por Bracht acaba por sugerir que o trabalho continua sendo uma categoria central; uma teoria da educação física que deslocar seu foco de análise para o lazer e deixar de lado o trabalho perderá a capacidade de analisar até mesmo o lazer.

### **Ideologia e os valores da escola**

Bracht realiza, sobretudo nos capítulos 3 e 4, uma importante discussão sobre os valores propagados pela escola. O autor brasileiro assim afirma no capítulo 3:

Os valores que são inculcados são os valores dominantes que, como lembram Marx e Engels (1984) em “A Ideologia Alemã”, são sempre os valores da classe dominante. Dessa forma, o que a socialização principalmente reproduz são as desigualdades sociais, isto é, é a própria dominação se processando (BRACHT, 1997, p. 61).

Cabe ressaltar que se trata de um trecho bem específico de *A Ideologia Alemã*, sendo esta a única obra de Marx citada por ele sem intermédio de outro autor, ainda que de maneira indireta. Vejamos, na íntegra, o trecho aludido:

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias; portanto, são a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante, são as ideias de sua dominação. Os indivíduos que compõem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso, pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica, é evidente que eles o fazem em toda a sua extensão, portanto, entre outras coisas, que eles dominam também como pensadores, como produtores de ideias, que regulam a produção e a distribuição das ideias de seu tempo; e, por conseguinte, que suas ideias são as ideias dominantes da época. Por exemplo, numa época e num país em que o poder monárquico, a aristocracia e a burguesia lutam entre si pela dominação, onde portanto a dominação está dividida, aparece como ideia dominante a doutrina da separação dos poderes, enunciada então como uma “lei eterna” (MARX & ENGELS, 2007, p. 47).

Bracht, em síntese, vê o esporte como um modo de sociabilização dos valores inerentes a uma sociedade capitalista. Precisamente por isso, o esporte na escola teria privilegiado apenas a técnica esportiva, já que é apenas isso que importa para a competição esportiva. Logo, haveria um paralelo entre estes valores e os valores capitalistas, como a ideia da competição, análoga a concorrência; a vitória a qualquer custo, análoga ao lucro; e o que a vitória representa, análoga ao que o autor chama de “vencer na vida”. Por mais que

estas analogias possam fazer sentido, não passam disso: analogias. O trecho destacado da obra de Marx não dá suporte a essas afirmações. O pensador alemão destaca que a classe dominante de uma época é detentora dos meios de produção espiritual: jornais, editoras e, mais recentemente, emissoras de televisão. Esses meios de produção levariam as suas ideias (ou ideologia) àqueles que não possuem tais meios: a classe trabalhadora. Estes, por sua vez, são alimentados por essas ideias que refletem a ordem capitalista como natural e eterna, destituída de caráter histórico e não passível de superação pela ação dos trabalhadores. Muito embora o esporte e mesmo a escola sejam utilizados como veículos da ideologia dominante, isto não se faz de maneira mecânica e destituída de mediações.

Bracht segue externando suas preocupações quando diz que, nas aulas do esporte com fim em si mesmo, os professores estariam por demais preocupados com o ensino irrefletido das regras e da técnica, de modo que:

já não existe mais espaço para a discussão sobre as normas do esporte, para a criação do esporte (adaptar o esporte a realidade social e cultural do grupo que faz esporte = criação cultura), já não existe mais espaço para a preocupação com o desenvolvimento de valores relacionados com o coletivismo (entendido como ações que visem prioritariamente o bem comum, ou seja, priorizem o coletivo ao individual) (BRACHT, p. 1997, p. 63).

Segundo estas constatações, a preocupação de Bracht não parecer ser a superação da ordem capitalista vigente, mas a melhoria do esporte e da educação física nela contida. O autor reconhece a possibilidade de uma teoria crítica da educação. Esta teoria crítica deveria servir a classe trabalhadora, permitindo-a analisar criticamente o fenômeno esportivo, relacionando-o com o contexto socioeconômico, político e cultural. Esta proposição é razoável, mas precisa-se ir muito além da análise de valores abstratos com desmesuradas citações a Marx para que se complete tal empreendimento. É então que Bracht afirma (1997, p. 65) que a “tarefa que se impõe parece-nos ser a de desenvolver uma pedagogia desportiva que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, aos oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada”.

Para desenvolver e aplicar uma teoria crítica do esporte, os professores deveriam superar a visão de que a infância é um processo de desenvolvimento meramente natural, nunca social. Fala-se da criança de maneira ideológica, escondendo as diferenças de desenvolvimento promovidas pela sua condição social. Para o autor, os professores também deveriam entender que:

## *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

o que determinará o uso que o indivíduo fará do movimento (na forma de esporte, de jogo, de trabalho manual, de lazer, de agressão a outros e à sociedade, etc.) não será, em última análise, a condição física, habilidade esportiva, flexibilidade, etc., e sim, os valores e normas de comportamento introjetados pela condição econômica e pela posição na estrutura de classes de nossa sociedade (BRACHT, 1997, p. 66).

Este último ponto indica uma visão meramente determinista, na qual o sujeito não tem nenhum poder ou vontade sobre suas próprias ações, que relembra, curiosamente, aquilo que José Paulo Netto classificou como marxismo de influências neopositivistas. Estas influências teriam deturpado a teoria de Marx, de modo que delas

resultou uma representação simplista da obra marxiana: uma espécie de saber total, articulado sobre uma teoria geral do ser (o materialismo dialético) e sua especificação em face da sociedade (o materialismo histórico). Sobre esta base surgiu farta literatura manualesca, apresentando o método de Marx como resumível nos "princípios fundamentais" do materialismo dialético e do materialismo histórico, sendo a lógica dialética "aplicável" indiferentemente à natureza e à sociedade, bastando o conhecimento das suas leis (as célebres "leis da dialética") para assegurar o bom andamento das pesquisas. Assim, o conhecimento da realidade não demandaria os sempre árduos esforços investigativos, substituídos pela simples "aplicação" do método de Marx, que haveria de "solucionar" todos os problemas: **uma análise "econômica" da sociedade forneceria a "explicação" do sistema político, das formas culturais etc.** (NETTO, 2011, p. 12 – grifo nosso).

Bracht cai novamente na mesma armadilha ao sugerir a superação da falsa polarização entre diretividade e não-diretividade. O autor diz que, muito embora a não-diretividade tenha contribuído para a denúncia do autoritarismo descabido em sala de aula, o não-diretívismo pode levar a um espontaneísmo estéril afirmador da ordem burguesa. Para Bracht (1997, p. 67), não apenas as crianças não cheguem como tábuas rasas na escola:

elas já estão incorporadas ao processo de socialização burguesa, e, se nós quisermos a introjeção de normas e valores que se contraponem aos burgueses, temos de dar uma direção, ou seja, 'dirigir' o processo educativo, **pois os interesses, necessidades, etc., da criança já estão 'contaminados', isto é, estes já estão determinados pelo social (meio-ambiente)** (grifo nosso).

Novamente, somos apresentados a um total determinismo economicista. Mais ainda, o autor continua com essa concepção próxima ao marxismo positivista quando afirma que "os interesses e necessidades que devem ser levados em consideração não são os dos 'indivíduos', e sim os interesses de classe" (BRACHT, p. 67). Um total desaparecimento do sujeito, não presente na obra marxiana. Para Bracht, os alunos parecem meros veículos carregadores da ideologia burguesa. Contraditoriamente, no item seguinte, Bracht propõe que a classe trabalhadora deve ser apropriar do esporte, já que este não é necessariamente burguês. O autor afirma que "o esporte é burguês, não porque esta e sua essência, e sim, porque suas múltiplas determinações lhe fornecem as características para tal. De maneira

que, para termos um esporte não burguês, precisamos atuar sobre suas determinações” (BRACHT, 1997, p. 67). Com esta afirmação, Bracht alude a um marxismo mais refinado e contradiz a si mesmo e às suas análises baseadas em marxismo de raiz positivista. Porém, o autor logo retorna à suas análises nada dialéticas acerca do esporte quando, ao reafirmar a importância do educador como guia dos verdadeiros interesses das crianças, sugere que

procurando desenvolver um esporte em que o princípio do rendimento e da competição discriminatória (melhores dos piores), do esforço pessoal e individual (às vezes associado) para vencer o adversário não seja o norteador principal deste, desenvolvendo um esporte em que se busca o jogar com e não contra o adversário, um esporte onde se busca insistentemente o desenvolvimento do coletivismo (priorização do coletivo ao individual, incluindo o ‘adversário/companheiro’), estaremos na verdade descaracterizando o esporte burguês e lançando e criando as bases de um novo esporte que, por sua vez, somente se consolidará com a criação também de uma nova ordem social, sem a qual não terá condições de sobreviver, porque será fatalmente submetido à ordem burguesa Bracht (1997, p. 68).

Então se vê que as determinações aludidas por Bracht não passam dos valores abstratos por ele tão combatidos. Isto se reforça ainda no capítulo 4, quando Bracht sugere uma análise através do método do materialismo histórico e dialético; no entanto, não nos apresenta como se deu essa análise, seu procedimento metodológico, categorias utilizadas, etc., apenas nos apresenta seus resultados. Seriam eles:

a educação é ao mesmo tempo determinada e determinante da estrutura social. Daí que não seja possível negar o caráter político da educação. Daí que os problemas básicos da pedagogia não sejam estritamente pedagógicos, mas políticos e ideológicos. A educação nas sociedades capitalistas, ou na sociedade brasileira, é fator de reprodução social, vale dizer, fator de reprodução ou manutenção da sociedade de classes (BRACHT, 1997, p. 73).

Mais a frente, o autor busca analisar as relações sociais presentes na escola através das regras que as norteiam, pois “a regulamentação que define o esporte como microssistema social próprio é parte das normas que determinam, fortemente, a relação entre professores e alunos” (BRACHT, 1997, p. 78). É importante ressaltar como o autor pula de uma suposta análise através do materialismo histórico dialético para um microssistema social, conceito totalmente estranho a tal método.

Não demora a que o autor chegue à conclusão de que a presença de um professor como detentor de conhecimento, que atribui notas aos alunos dentro de um contexto escolar de competição, reforça o individualismo e a obediência irrefletida às regras, já que estas estão pré-definidas e são apenas aceitas. A capacidade de compreender as regras não seria desenvolvida nos alunos neste modelo. Para a superação deste quadro, Bracht sugere

### *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

que é necessário estabelecer o que a aprendizagem social deve objetivar. O autor logo determina que a aprendizagem social deveria levar a compreensão e possível modificação das regras. Pra isso, o professor precisaria estimular o debate em suas aulas, fomentando a criticidade acerca dos movimentos realizados.

Por conclusão, o autor volta a sugerir que a escola reproduz a ideologia da classe dominante por meio dos valores abstratos tão largamente discutidos nestes últimos capítulos. Para o autor

a sociedade capitalista na qual vivemos, com o auxílio do mito da liberdade (individual) e da igualdade de oportunidades, mantém uma estratificação social extremamente injusta. Para a manutenção de seus privilégios a classe dominante necessita que sejam aceitos como normais e desejáveis determinados valores, como por exemplo, a competição ou concorrência baseadas na ideia de igualdade de oportunidades, o que leva ao culto do individualismo (BRACHT, 1997, p. 107).

Estes valores seriam reproduzidos por meio do esporte na escola, através da “obediência incondicional às regras determinadas pelos regulamentos internacionais (autoridades), sem que o indivíduo tenha consciência do processo de regulamentação, e a busca da performance para a superação do adversário, são exemplos” (BRACHT, 1997, p. 107). É importante ressaltar que não se está questionando aqui que o respeito irrefletido à regras seja perigoso ou que a escola possa ser um veículo da ideologia da classe dominante; o que se propõe é que essa relação não é tão simples quanto Bracht parece pensar, e que a fuga da ideologia da classe dominante requer um bocado a mais do que uma reflexão sobre as regras de determinado esporte.

Alguns fatores destacados pelo autor não parecem ter relação alguma com a ideologia da classe dominante, como, por exemplo, os regulamentos internacionais. Algumas regras – como não ser permitido chutar uma bola de basquete – não carregam nada de relações de dominação entre pessoas ou classes, ou carregam muito pouco, sendo muito mais um efeito do desenvolvimento do jogo ao longo dos tempos do que de uma ideologia capitalista.

### **Considerações finais**

Para Karl Marx e Friedrich Engels (2007, p. 93)

indivíduos determinados, que são ativos na produção de determinada maneira, contraem entre si estas relações sociais e políticas determinadas. A observação empírica tem de provar, em cada caso particular, empiricamente e sem nenhum tipo de mistificação ou especulação, a conexão entre a estrutura social e política e a produção.

Dada a revisão feita deste primeiro livro de Bracht, pode-se concluir que o autor não realizou o proposto pelos autores acima citados. A questão dos valores, tão preconizada pelo autor brasileiro aqui analisado, faz precisamente o oposto do recomendado no trecho acima: os valores abstratos são conectados a ideologia burguesa por pura analogia especulativa. Pode-se ir mais além, pois Marx e Engels (2007, p. 94) ainda afirmam que

não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. Também as formações nebulosas na cabeça dos homens são sublimações necessárias de seu processo de vida material, processo empiricamente constatável e ligado a pressupostos materiais. A moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, bem como as formas de consciência a elas correspondentes, são privadas, aqui, da aparência de autonomia que até então possuíam. Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.

Bracht em momento algum faz este percurso do meio material, dos meios realmente ativos, até a determinação de sua consciência – ou, mais precisamente, dos valores abstratos por ele destacados. O autor assume que tais valores estão relacionados com a ideologia burguesa e tem efeitos perniciosos para a vida em sociedade. Marx e Engels (2007, p. 537) sugerem na terceira tese sobre Feuerbach que:

a doutrina materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, de que homens modificados são, portanto, produtos de outras circunstâncias e de uma educação modificada, esquece que as circunstâncias são modificadas precisamente pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado.

Portanto, devemos levar em conta a importância da educação na superação da ideologia dominante. A afirmação da escola como mero veículo da ideologia dominante, sem espaço para lutas e reivindicações, parece deixar de lado esta importância. Em justiça, Bracht sugeriu, contradito à sua própria afirmação de que a escola é mero veículo da ideologia burguesa, que os professores poderiam atuar de forma contrária a este processo; mas a sua metodologia, embora seja bem mais interessante que as metodologias tecnicistas tradicionais, não se aproxima daquilo que Marx e Engels sugerem (2007, p. 538), quando escrevem que “a coincidência entre a alteração das circunstâncias e a atividade ou automodificação humanas só pode ser apreendida e racionalmente entendida como prática revolucionária”.

### *A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

No entanto, o que Bracht parece almejar, sobretudo no capítulo 3, é o embate dos supostos valores abstratos ideológicos burgueses com os valores defendidos por ele, que seriam ao de uma sociedade mais justa. Um embate entre ideias. Para o inglês Terry Eagleton (2019, p. 88), que analisou e criticou a fundo o conceito de ideologia exposto no exato trecho citado por Bracht de *A Ideologia Alemã*,

se as ideias situam-se na fonte da vida histórica, é possível imaginar que se pode mudar a sociedade combatendo-se as ideias falsas com ideias verdadeiras; e é essa combinação de racionalismo e idealismo que Marx e Engels rejeitam. Para eles, as ilusões sociais estão ancoradas em contradições reais, de modo que somente pela atividade prática de transformar as últimas é que podem as primeiras ser abolidas.

Eagleton (2019, p. 94) vai além: tratando do conceito de ideologia como falsificação da realidade ou falsa consciência, o inglês escreve que:

A dissociabilidade entre pensamento e existência prática, de forma a servir a propósitos políticos objetáveis, pareceria, para eles, definir a noção. Há então uma forte tentação de acreditar que basta juntarmos novamente as ideias com a realidade para que tudo fique bem. É claro que este não é o caso de Marx e Engels: para sobrepujar a falsa consciência, é necessário atacar as condições sociais que a engendraram, e não simplesmente reunir ideias obscuras com suas origens sociais perdidas.

Portanto, não avaliamos que Bracht (1997, p. 68) esteja errado quando escreve que

de acordo com o que hoje pensamos, acreditamos que a ação transformadora do professor de Educação Física não deve restringir-se a esta esfera, ou seja, aos muros da escola. A atuação política deste profissional deve estender-se para a sua entidade representativa, seu sindicato, não movido, é óbvio, por uma visão corporativista e, sim, a partir de uma identificação social com a classe trabalhadora. O engajamento com a categoria de profissionais ligados à educação, neste momento histórico, deve, ao nosso ver, visar uma ação que permita que se estabeleça uma política educacional, e que se concretize uma escola em nosso País, de acordo com as necessidades e interesses da classe trabalhadora. A atuação política do professor de Educação Física deve também alcançar a política partidária, para que, enquanto cidadão comum, assuma o papel de sujeito político da sociedade.

No entanto, nota-se uma discrepância entre o embate de ideias contra ideias, apresentado por Bracht por meio da discussão sobre os valores, e este trecho final, chamando os professores para a luta pela implantação de uma política educacional pautada no interesse da classe trabalhadora. Se esta política se pauta no embate de valores como discutido pelo próprio ator, já estaria morta muito antes do parto. Além do mais, Bracht parece muito mais afeito, principalmente nos capítulos iniciais, a se ancorar na teoria dos sistemas ou em Habermas, autor deveras afastado do marxismo. Este sim pode ser acusado de veicular a ideologia burguesa, erigindo uma filosofia baseada em conceitos que não se ancoram na realidade e não tem aplicação prática fora de suas condições idealizadas,

fortemente influenciado pelo estado de bem estar social da sua época, a ponto de difundir uma concepção eurocêntrica de uma sociedade pós-industrial (MÉSZÁROS, 2004).

Feitas estas breves observações, pode-se concluir que Bracht não tem Marx como seu referencial teórico, afastando-se ainda mais do Marxismo com o uso de teorias contraditórias à obra de Marx sem fazer a elas as devidas críticas. Nesta obra inicial, Bracht parece usar Marx e os conceitos marxistas e marxianos como conceitos de ocasião, os quais não aplica com o devido rigor. Longe de fazer juízo de valor sobre esta obra de Bracht, apenas buscamos verificar a qual distância ela se encontrava do campo marxista, e a encontramos tão distante que mal lhe distinguimos a silhueta. Embora o autor tenha exercido, a seu modo, uma crítica às relações sociais capitalistas, não o fez pelo viés marxista. Hoje, passados 28 anos da publicação de *Educação Física e Aprendizagem Social*, que contém textos escritos e publicados ainda antes, fica claro a injustiça que seria classificar o autor como marxista por esse texto que, como buscamos demonstrar na exposição de nossa análise e resultados, não é nem foi marxista.

### Referências

ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 1999.

BRACHT, V. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1997.

BRACHT, V. Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta "o que é Educação Física". **Movimento**, Ano 2, N. 2. Jun 1995.

CARDOSO, M. L. Para uma Leitura do Método em Karl Marx. Anotações Sobre a "Introdução" de 1857. **Cadernos do ICHF**, n. 30, set. 1990.

EAGLETON, T. **Ideologia** – uma introdução. São Paulo: Boitempo, 2019.

KOSIK, K. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna** . Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

MARX, K. ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

\_ **O Capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2017.

\_ **O Capital**: crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista São Paulo: Boitempo, 2017a.

*A educação física e aprendizagem social: um diálogo de Bracht com a filosofia marxista*

\_ Para a crítica da economia política In: MARX, K. **Para a crítica da economia política**; Salário, Preço e Lucro; o Rendimento e Suas Fontes São Paulo: Abril cultura, 1982.

MÉSZÁROS, I. **O Poder da Ideologia**. São Paulo: Boitempo, 2004.

NETTO, J. P. **Introdução ao Estudo do Método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_ **O Que É Marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WOOD, E. M. O que é a agenda pós-moderna? In: Wood, E. M. & Foster, J. B. (org.). **Em Defesa da História: Marxismo e pós-modernismo** (p. 7 – 22). Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed. 1999.

Vinícius de Moraes Campos de Azevedo é Bacharel em educação física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Rio de Janeiro – 2020) e atualmente é mestrando em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do grupo de Pesquisa Coletivo de Estudos de Políticas de Esportes, lazer e Educação Física (GEPOLES) e do Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação (COLEMARX). Email: [viniciusdemoraes@ufrj.br](mailto:viniciusdemoraes@ufrj.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0389-181X> CV: <http://lattes.cnpq.br/5118403737292800>. Endereço: Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, CEP - 22290-240

Marcelo Paula de Melo é Doutor em Serviço Social pela UFRJ (2011), Leciona na Escola de Educação Física e Desportos e no Programa de pós graduação em educação na UFRJ. Atua com ensino, pesquisa e extensão nos campos de políticas públicas de educação, lazer, esporte, Política Educacional, e teoria social e esporte. Líder do grupo de Pesquisa Coletivo de Estudos de Políticas de Esportes, lazer e Educação Física (GEPOLES). Email: [marcelaomelo@gmail.com](mailto:marcelaomelo@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0146-4275> CV: <http://lattes.cnpq.br/9618187525201061> Endereço: Av. Carlos Chagas Filho, 540 - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, CEP: 21941-599

Bruno Gawryszewski é Doutor em Educação pelo PPGE-UFRJ. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Educação pelo PPGE-UFRJ. Integrante do Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação (COLEMARX). E-mail: [brunogawry@gmail.com](mailto:brunogawry@gmail.com) ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7974-1711> CV: <http://lattes.cnpq.br/3879273506660211> Endereço: Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, CEP 22290-240

## Notas

---

<sup>i</sup> Professor da Universidade Federal do Espírito Santo, com muitas e importantes produções na educação física

<sup>ii</sup> Em algumas plataformas, esta permanece mesmo como a obra mais citada de Bracht que o tem como único autor, com um total de 980 trabalhos que utilizam a edição de 1997 como referência. Apenas a obra Metodologia do ensino de educação física, do coletivo de autores -Bracht entre eles- conseguiu ultrapassá-la com 1439 citações a partir de sua edição de 2014. Disponível em

---

<https://scholar.google.com.br/citations?user=ZK3vglwAAAAJ&hl=pt-BR> Acesso em: 04 de abr. de 2021

<sup>iii</sup> Filósofo e sociólogo alemão, membro da Escola de Frankfurt, que participa da tradição da teoria crítica e do pragmatismo. Tem especial afinidade pelos estudos acerca do agir comunicativa. Inicialmente estudioso das obras de Marx, sua teoria assumiu, principalmente a partir dos anos 1960, forte cunho antimarxista. Será mencionado pelo autor no decorrer do livro aqui analisado.

<sup>iv</sup> Cientista político brasileiro. Foi membro do PT desde os primórdios do partido até deixá-lo para ocupar o cargo de ministro da Cultura durante o Governo Fernando Henrique Cardoso (1995-2002).

<sup>v</sup> Filósofo austríaco, naturalizado britânico. Atuante nos campos da lógica, filosofia da linguagem, filosofia da matemática, e filosofia da mente.

<sup>vi</sup> O autor é Galvão (1984), e pode ser encontrado na lista de referências do livro de Bracht.

## Sobre os autores

### Vinícius de Moraes Campos de Azevedo

Bacharel em educação física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/Rio de Janeiro – 2020) e atualmente é mestrando em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, membro do grupo de Pesquisa Coletivo de Estudos de Políticas de Esportes, lazer e Educação Física (GEPOLES) e do Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação (COLEMARX). Email: [viniciusdemoraes@ufrj.br](mailto:viniciusdemoraes@ufrj.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0389-181X> CV: <http://lattes.cnpq.br/5118403737292800>. Endereço: Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, CEP - 22290-240

### Marcelo Paula de Melo

Doutor em Serviço Social pela UFRJ (2011), Leciona na Escola de Educação Física e Desportos e no Programa de pós graduação em educação na UFRJ. Atua com ensino, pesquisa e extensão nos campos de políticas públicas de educação, lazer, esporte, Política Educacional, e teoria social e esporte. Líder do grupo de Pesquisa Coletivo de Estudos de Políticas de Esportes, lazer e Educação Física (GEPOLES). Email: [marcelaomelo@gmail.com](mailto:marcelaomelo@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0146-4275> CV: <http://lattes.cnpq.br/9618187525201061> Endereço: Av. Carlos Chagas Filho, 540 - Cidade Universitária da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - RJ, CEP: 21941-599

### Bruno Gawryszewski

Doutor em Educação pelo PPGE-UFRJ. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Educação pelo PPGE-UFRJ. Integrante do Coletivo de Estudos em Marxismo e Educação (COLEMARX). E-mail: [brunogawry@gmail.com](mailto:brunogawry@gmail.com) ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7974-1711> CV: <http://lattes.cnpq.br/3879273506660211> Endereço: Av. Pasteur, 250 - Urca, Rio de Janeiro - RJ, CEP 22290-240